

## O que é comer bem? A opinião de pessoas em situação de vulnerabilidade no município de Ponta Grossa - Paraná

### What is “eating well”? The opinion of vulnerable people in the city of Ponta Grossa – Paraná

*Enviado em: 31-10-2022*

*Aceito em: 30-11-2022*

**Hellen Vitória Silva<sup>1</sup>**

**Priscilla Garbelini Jaronski<sup>2</sup>**

**Mirna de Lima Medeiros<sup>3</sup>**

**Augusta Pelinski Raiher<sup>4</sup>**

#### **Resumo**

Este artigo buscou compreender o que significa “comer bem” para indivíduos em situação de vulnerabilidade no município de Ponta Grossa - Paraná, especialmente os assistidos pelo Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) com benefício eventual de auxílio-alimentação, tencionando abranger diferentes níveis de segurança alimentar (SA). A alimentação é um fenômeno social, econômico, antropológico e cultural. Portanto, o entendimento do que é “comer bem” altera-se segundo a época, espaço geográfico, faixa etária, classe social, saúde e qualidade de vida do respondente. A construção do artigo baseou-se na revisão bibliográfica, aplicação de questionário à 302 famílias sobre aspectos socioeconômicos e alimentares. Demonstrou-se que a vulnerabilidade direciona o entendimento do que é “comer bem” ao simples ato de ingerir alimentos, deixando questões culturais e sociológicas em segundo plano, apesar de serem inerentes à alimentação.

**Palavras-chave:** Comer bem, Ponta Grossa – Paraná, Vulnerabilidade.

---

1 Graduanda em Turismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Paraná, Brasil. E-mail: helvitsil@hotmail.com

2 Doutoranda em Ciências Sociais Aplicadas pela UEPG, Paraná, Brasil. E-mail: istvanmeszaros@gmail.com

3 Pós Doutora em Administração pela Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil. E-mail: mlmedeiros@uepg.br

4 Doutora em Economia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: apelinski@gmail.com

## Abstract

This article sought to understand what it means to “eat well” for vulnerable individuals in the municipality of Ponta Grossa - Paraná, especially those assisted by the Social Assistance Reference Center (CRAS) with an eventual benefit of food assistance, intending to cover different levels of food security (SA). Food is a social, economic, anthropological and cultural phenomenon. Therefore, the understanding of what “eating well” is changes according to the time, geographic space, age group, social class, health and quality of life of the respondent. The construction of the article was based on a bibliographical review, application of a questionnaire to 302 families about socioeconomic and food aspects. It was demonstrated that vulnerability directs the understanding of what “eating well” means to the simple act of eating food, leaving cultural and sociological issues in the background, despite being inherent to food.

**Key-words:** Eat well, Ponta Grossa – Paraná, Vulnerability

## Introdução

Em 2020, durante a pandemia mundial do novo coronavírus, declarada pela Organização Mundial da Saúde - OMS, as instabilidades socioeconômicas foram agravadas, acentuando as desigualdades, inclusive as alimentares, especialmente para as pessoas mais vulneráveis da sociedade (DE ARO *et al.*, 2021).

Arelada ao estado econômico e social da pobreza, a alimentação incompleta - em termos de quantidade, qualidade e de nutrientes - provoca o "insuficiente desenvolvimento físico, psicológico e social. A desigualdade de oportunidades, (...) são os fatores que mantêm essas pessoas reféns da condição de miséria extrema" (ROZANELI *et al.*, 2015, p. 90). Neste contexto de instabilidade socioeconômica e de agravamento da vulnerabilidade, tende também a haver redução ao acesso adequado aos alimentos, ampliando os níveis de Insegurança Alimentar (IA).

A Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) está vinculada ao direito e ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o alcance a outras necessidades essenciais, assim como a diversidade cultural e as questões socioambientais, conforme demonstra a Lei 11.346/2006 (BRASIL, 2006). Já a IA é constatada quando as pessoas não têm disponibilidade, acesso ou utilização adequada dos

alimentos, situação que pode atingir de maneira distinta diferenciados grupos sociais, como relatado por Bógus e Costa (2012). A pobreza é determinante para a IA, configurando-se como um empecilho ao acesso regular a uma alimentação adequada. Tal situação pressupõe fenômenos que tangenciam a fome e a destruição (MALUF *et al.*, 1996; Arcain *et al.*, 2018; Oliveira *et al.*, 2018).

A pandemia do novo coronavírus aprofundou a IA nas famílias, com redução do consumo de alimentos essenciais para a dieta regular da população. Esse cenário de fome se intensificou, afetando ainda mais aqueles que já estavam em IA antes da pandemia, incluindo outros que perderam seus empregos e suas rendas, como bem justifica Ribeiro-Silva (2020).

Nesse panorama, o presente trabalho buscou compreender o que significa “comer bem” para pessoas em situação de vulnerabilidade no município de Ponta Grossa/PR, especialmente os assistidos pelo CRAS com benefício eventual de auxílio-alimentação oferecido pela cidade. Entendeu-se por pessoas em situação de vulnerabilidade àquelas consideradas vulneráveis socialmente, ou seja, pessoas em situação de fragilidade, expostas à riscos e a níveis significativos de desagregação social, exclusão e discriminação.

Para compreensão do significado de “comer bem”, subdividiu-se o grupo pesquisado por grau de segurança/insegurança alimentar a fim de identificar a assimilação do termo sob diferentes perspectivas. Ao entender as prioridades, anseios e perspectivas alimentares das pessoas em situação de vulnerabilidade é possível criar estratégias assertivas para alimentação fornecidas em programas como o restaurante popular, o mercado da família e a feira verde, de maneira que não busquem só nutrir, mas também agradar e satisfazer o público<sup>5</sup>.

---

5 Restaurante popular, o mercado da família e a feira verde são programas ofertados pela Prefeitura Municipal de Ponta Grossa. O Restaurante Popular oferta pratos ao custo de R\$ 5,00. O Mercado da Família é um programa que comercializa produtos diversos, com valores reduzidos, para famílias com renda familiar até 2,5 salários-mínimos, beneficiários do INSS com renda familiar até 3 salários-mínimos e funcionários públicos municipais com renda familiar até 3,5 salários-mínimos. O Feira Verde é um programa que permite a troca de material reciclável por produtos hortifrutigranjeiros ou outros disponibilizados como gás de cozinha e passagens de ônibus.

A fome não constitui fenômeno recente e essa preocupação não é momentânea, mas o agravamento proporcionado pela pandemia do novo coronavírus traz urgência e necessidade a esta discussão. Por isso, almeja-se entender o que é “comer bem” exatamente para aquelas pessoas afetadas por uma alimentação inadequada decorrente de sua vulnerabilidade. Assim, constrói-se um estudo inédito que ressalta o “comer bem” sobre a visão de quem vivência diferentes níveis de segurança e insegurança alimentar, com o objetivo promover a adequação da alimentação fornecida por programas sociais.

O presente artigo é composto de cinco seções, incluindo esta introdução. Na segunda seção é apresentado o referencial teórico sobre o tema, onde se aborda os conceitos de comer bem, segurança alimentar e insegurança alimentar. A terceira seção aborda a metodologia aplicada no trabalho, como a pesquisa foi realizada, e como foram criados o *corpus* gerado, os grafos e o dendograma apresentados. A quarta seção trata dos dados da pesquisa com base na indagação dos entrevistados quanto ao significado do que é “comer bem”. A quinta seção traz a conclusão.

## **2 Referencial Teórico**

Como já abordado, a SA é a realização do direito de ter acesso regular e permanente a alimentos de qualidade e em quantidade suficiente. Já a IA, é a condição que inibe o alcance contínuo a uma alimentação correta e balanceada, originando fenômenos como a fome e a desnutrição. O conceito de "comer bem" mostra-se distinto a partir do grau de vulnerabilidade alimentar que a pessoa se encontra.

### **2.1 O comer bem**

As percepções do significado de comer bem variam muito. Essa variação vai depender de vários fatores, como a época, o local, a idade, a classe social e o perfil de saúde e qualidade de vida da pessoa para quem se

está perguntando. A pesquisa mostra que comer bem não é só sobre a qualidade dos alimentos, o que por si só já traz grandes variações ao conceito, mas também sobre a quantidade e frequência de ingestão desses alimentos.

As pessoas contemporâneas, urbanas, de classe social baixa e com baixa qualidade de vida, tendem a conceituar o ato de “comer bem” com fartura e ingestão de alimentos fortes. Para Daniel e Cravo (2005, p. 65) “o pobre tem necessidade de sentir-se de barriga cheia”, de modo que a percepção de comer bem para essas pessoas, em regra, está ligada à comer alimentos fortes e pesados, que dão sustância, que rendam bastante, para que seja consumido em grande quantidade e com bastante frequência. Neste passo, a pesquisa demonstra que a definição de comer bem geralmente está ligada à alimentos como arroz, feijão e carne, todos eles alimentos energéticos e construtores.

A carne recorrentemente é apresentada como “símbolo poderoso do prestígio social e riqueza” e por isso é tão relacionada ao ato de comer bem. À esta relação guarda-se proporções históricas ao longo da humanidade. Em *Ilíada*, poema de Homero, que narra a Guerra de Tróia, provavelmente ocorrida em 1.200 a.C., já é possível observar a referência da carne como “boa comida”:

Quando as carnes estavam assadas e servidas em travessas, Pátroclo trouxe o pão, colocou-o na mesa em grandes cestas de vime. Aquiles serviu a carne. Então, face a face com seu nobre convidado Ulisses, tomou seu lugar na parede oposta, pediu ao seu amigo que sacrificasse aos deuses e Pátroclo atirou os primeiros cortes ao fogo. Eles se serviram das boas coisas que estavam a disposição (*ILÍADA*, IX, p 258-265).

Segundo Alexandre-Balthazar-Laurent Grimod de La Reynière, em seu *Almanach des Gourmands* (1803), citado por Freedman (2009, p. 264), era importante ensinar os maîtres como realizar o corte das carnes, já que se tratava de um alimento nobre, caro e consumido pelos novos burgueses, fruto da Revolução Francesa:

A mudança drástica na distribuição de riquezas – consequência necessária da Revolução – acabou por depositar a riqueza em novas mãos; com a mente dos ricos voltada atualmente para prazeres puramente animais, consideramos estar lhes prestando um serviço ao oferecer um guia seguro à mais sólida de suas mais caras refeições (FREEDMAN, 2009, p. 264).

A valorização da carne no Brasil está designada de aspectos nutricionais, mas também sociais, históricos e simbólicos. De acordo com as autoras Ribeiro e Corção (2003), a carne é considerada o “alimento por excelência”, discurso originado em 1930 em razão do processo de urbanização, dividindo o país entre as pessoas que tinham acesso a este alimento e as que não tinham.

Assim, historicamente vem sendo construída a ideia de que a carne é um alimento nobre e elitizado. Nas palavras de Zaluar (1994, p. 105-106) “comer carne todos os dias marca a fronteira nítida que separa os pobres dos não pobres”. É por esse motivo que comumente para os pobres, comer carne em abundância, todos os dias, representa o ato de comer bem.

Por sua vez, a relação do ato de comer bem a alimentos fortes e pesados, considerados como energéticos e construtores dentro da pirâmide alimentar<sup>6</sup>, está relacionado à fisiologia humana e à atividade laboral da pessoa, que em regra trabalha em atividades braçais, despendendo grande quantidade de energia. Para Woortmann (1978) a comida forte relaciona-se ao trabalho, fornecendo à pessoa alimentada a energia necessária para a execução da atividade laborativa.

Ou seja, o conceito de “comer bem” permite estabelecer uma segregação de classes, bem como as condições culturais do indivíduo. Fladrin e Montanari (1998, p.794) defendem que o tipo de alimentação constitui indicador sensível do valor social atribuído aos alimentos e às refeições no decorrer da história da humanidade.

Nas palavras de Poulain (2004) as questões alimentares guardam relações sociais e antropológicas, estruturando a organização social alimentar:

As questões da socioantropológica da alimentação são então de duas ordens. Primeiramente por sua ancoragem epistemológica no “o

---

6 Pirâmide alimentar é uma representação gráfica que reúne informações importantes a respeito dos grupos de alimentos presentes em uma dieta. Para este artigo considerou-se a pirâmide proposta por Philippi (2013), em seu trabalho “Redesenho da pirâmide alimentar brasileira para uma alimentação saudável”.

espaço social alimentar”, que simultaneamente a inscreve nas ciências sociais e a abre para a interdisciplinaridade, ela permite a investigação das relações entre o cultural e o fisiológico por um lado, e o cultural e o meio natural, por outro lado. Em segundo lugar, por sua dimensão estruturante da organização social, “o espaço social alimentar” ocupa uma posição transversal, nas ciências sociais e humanas e cria as condições de uma metabolização do saber socioantropológico. (POULAIN, 2004, p. 268)

Desse modo, denota-se que as escolhas alimentares demonstram as relações culturais e criam a possibilidade de um diagnóstico socioantropológico do indivíduo e do grupo à que ele pertence.

Os sociólogos Beardsworth e Keil (1997), buscando explicar as escolhas alimentares do indivíduo, criaram um conceito de menu. Os pesquisadores definiram três tipos de menus que guiam as escolhas alimentares do indivíduo: 1 - o menu tradicional – são as escolhas alimentares baseadas em crenças e proibições; 2 - o menu moral – escolhas selecionadas a partir de critérios étnicos, políticos, ecológicos, ambientais e éticos e; 3 - o menu racional - escolhas baseadas no modelo de racionalização da dieta. Esse menu racional se subdivide em menu de conveniência, cujo objetivo é minimizar o tempo dedicado ao ato de alimentar-se; menu econômico, que tem no custo o delineador das escolhas alimentares, e menu hedonístico que tem como foco da escolha o prazer gustativo.

Quando a pessoa responde o que para ele é “comer bem” é possível ilustrar a crença, a moral, o estilo de vida, a condição econômica, além das preferências gustativas desta pessoa. Em sentido semelhante, Dória (2009, p. 11) estabelece que a culinária não pode ser vista de modo simplista, porque ela também é composta por elementos rigorosamente extra culinários. Segundo o autor, a culinária inclui:

[..] .dimensões que não são visíveis nas receitas, como tabus alimentares; ideias sobre a nobreza de alguns ingredientes e preferências amplas; idealizações sobre cardápios relacionados a vivências especiais (como festas); técnicas de tratamento de matérias-primas etc. (DÓRIA 2009, p. 19).

O que se quer aqui dizer é que tanto a comida quanto a escolha dela têm valor comunicativo. Este valor comunicativo, na visão de Franzoni (2016) deve ser interpretado dependendo de critérios de correspondência e sucessão

das escolhas dos indivíduos comunicantes. A autora exemplifica que no Brasil há a concepção de que “se o ‘prato’ principal está em falta, nesse caso ou um de carne ou de peixe, a refeição está incompleta”, como colocado por Franzoni (2016, p.24). Depreende-se que é por conta disso que na concepção daqueles que não tem o que comer, “comer bem” é comer um prato completo, é comer um prato com carne.

A pesquisa demonstra que à medida que a pobreza alimentar vai diminuindo, outros critérios de escolha vão sendo inseridos no conceito de “comer bem”. Começam a surgir outros grupos de alimentos, em especial alimentos reguladores da pirâmide alimentar, como por exemplo as frutas e verduras (Figura 3).

Percebe-se aí um aumento da preocupação com a qualidade dos alimentos e seus valores nutricionais. A preocupação não está só na necessidade básica alimentar. Aqui a escolha está pautada no modelo de racionalização da dieta. Contudo, a pesquisa mostra que à medida que a pobreza alimentar aumenta, surgem mais referências de alimentos mais robustos, como a "carne" e, maior preocupação com a compra de alimentos e a frequência da alimentação.

## **2.2 A vulnerabilidade alimentar**

Archanjo *et al.* (2007, p.34) elucida que o consumo de calorias na América Latina deriva de uma alimentação baseada em “*arroz, frijoles, aceite vegetal, frutas y azúcar*”. No Brasil, embora produza-se todos estes insumos, ainda há dependência “da importação de alimentos básicos para a alimentação de grandes grupos da população” (*ibidem*, p.30-31, tradução nossa). No entanto, mesmo havendo disponibilidade de comida, os níveis de poder de compra, educação e saúde dos brasileiros são os fatores que orientam a ingestão de alimentos em quantidades satisfatórias ou não (ARCHANJO *et al.*, 2007).

Quando a alimentação diária, habitual, não propicia ao indivíduo energia suficiente para a manutenção do seu organismo e para o desempenho de suas atividades cotidianas [...] [ocorre] a fome



crônica [que] resulta em uma das modalidades de desnutrição: a deficiência energética crônica (MONTEIRO, 2003, p.8).

Esse tipo de fome consiste na IA - “ou seja, [...] preocupação com a possibilidade de ocorrer alguma restrição devido à falta de recursos para adquirir mais alimentos” (IBGE, 2013, p.3) - e distingue-se da fome aguda, de caráter passageiro, por acometer pessoas regularmente. Seus efeitos ocasionam a escassez de nutrientes, podendo provocar doenças. Contudo, fome e desnutrição não são sinônimas, mas a primeira influencia e favorece a segunda. Embora não seja consequência direta da pobreza, a fome não ocorre entre pessoas não pobres, à exceção de casos extraordinários, como conflitos, desastres naturais (MONTEIRO, 2003; VALENTE, 2003) e, mais recentemente, a pandemia da Covid-19.

A emergência do novo coronavírus ocasionou impactos socioeconômicos em todo o globo, em sua maioria negativos. Em virtude disso, os hábitos alimentares, acesso e opção por diferentes insumos foram igualmente atingidos (MEDINA *et al*, 2015). De acordo com o Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19, apenas 44,8% dos brasileiros estavam em estado de SA, enquanto mais de 50% dos domicílios investigados encontravam-se em insegurança alimentar, dentre os quais, 19 milhões de pessoas passavam fome (IA grave). Observou-se que, em razão da pandemia, o contingente de residências em SA regressou àquele de 2004 no país (PENSSAN, 2021).

Em consequência dessa crise global, que intensificou as demais já existentes, ocorreram várias transgressões do Direito Humano à Alimentação Adequada. Para além do acesso à comida e compreendendo a fome/IA grave não unicamente como problema financeiro ou biológico, este direito prevê (VALENTE, 2003).

respeito a práticas e hábitos alimentares, [...] saúde das pessoas, [...] cuidados especiais a grupos humanos social e biologicamente vulneráveis (crianças, gestantes, idosos, portadores de necessidades especiais, entre outros) e [...] capacidade de todo ser humano de alimentar e nutrir a si próprio e à sua família, com dignidade, a partir do seu trabalho (VALENTE, 2003, p.54).

Embora esse problema social tenda a gerar empatia, ação social e, inclusive, mudanças no comportamento alimentar - menor quantidade ingerida, maior aproveitamento de recursos, etc. (MEDINA *et al.*, 2015), lidar com essa questão é uma das atribuições delegadas ao setor público, principalmente por meio de suas políticas de combate à fome.

Fernandes (2019) salienta que após os anos 2000 a temática da SA adentrou a agenda política brasileira, sendo estabelecidas inúmeras ferramentas de combate à fome. Em 2003 formulou-se o Programa Fome Zero, já em em 2006 instituiu-se a Lei nº11.346/LOSAN (Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional) com o intuito de “assegurar o direito humano à alimentação adequada” (BRASIL, 2006, p.3) a partir de dispositivos do poder governamental. Originou-se, ainda, o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (SISAN), através do Decreto nº7.272/2010, para implementar a LOSAN. Portanto, o conceito de “comer bem” vai variar da quantidade de IA à que a pessoa respondente está inserida. O “comer bem” está ligado ao perfil de saúde e à qualidade de vida (alimentos saudáveis e nutritivos), bem como à classe social (condição financeira da pessoa).

### 3 Metodologia

O artigo exploratório-descritivo foi realizado através de questionário semi-estruturado aplicado por via telefônica no período de novembro de 2021 a janeiro de 2022. Objetivando-se alcançar um público em maior vulnerabilidade, o universo escolhido para o estudo foram as famílias auxiliadas com o benefício eventual de auxílio-alimentação de Ponta Grossa/PR (total de 5.305 domicílios). A amostra foi probabilística e representativa (com intervalo de confiança de 95% e margem de erro máxima de 5,0 pontos percentuais) contemplando 302 famílias, distribuídas proporcionalmente entre os CRAS que ofertaram o benefício.

O questionário passou por aprovação pelo Comitê de Ética de duas instituições de ensino superior participantes na pesquisa (n. 50841121.9.0000.0105 e 50841121.9.3001.5547). Contemplou-se aspectos de

perfil socioeconômico, consumo alimentar, grau de segurança alimentar mensurada por adaptação da Escala Brasileira de Insegurança Alimentar (EBIA) e uma questão aberta com relação ao que os sujeitos consideram “comer bem”.

Nesta investigação, focou-se na interpretação livre e subjetiva do “comer bem”, relacionando-o aos níveis de segurança alimentar do grupo inquerido: segurança alimentar, insegurança alimentar leve, insegurança alimentar moderada e insegurança alimentar grave. Tenciona-se entender o “comer bem” exatamente para moradores da cidade de Ponta Grossa (PR) afetados por uma alimentação inadequada decorrente de seu estado de vulnerabilidade.

Optou-se pelo uso da análise de conteúdo desenvolvida com auxílio do *software* Iramuteq (versão 7), que realiza, dentre outras, a análise do tipo Lexical. As categorias que dividiram o grupo pesquisado foram definidas *a posteriori* por meio do *corpus* textual das respostas dos sujeitos. Para análises dos conteúdos textuais foram utilizadas as técnicas de classificação hierárquica descendente (CHD), análise de similitude e nuvem de palavras, as quais agrupam e organizam os termos graficamente de acordo com sua frequência nas falas dos entrevistados.

Na CHD os segmentos de texto do *corpus* definem-se em função dos vocabulários de maior frequência e dos valores de qui-quadrado mais elevados na classe. O *software* organiza as palavras em um dendograma, através do qual é possível elaborar um quadro explicitando as classes e qualificando os segmentos de textos por meio de seus respectivos vocabulários, permitindo a posterior análise lexical.

No caso desta pesquisa, o *corpus* geral foi construído por 300 textos, separados em 316 segmentos de textos (Sts), com aproveitamento de 232 Sts (73,42%). Salienta-se que as respostas acerca do que é “comer bem” foram demarcadas pela inserção de uma linha de comando, tendo como variável apenas o grau de (in)segurança alimentar dos pesquisados. Emergiram 5580 ocorrências (palavras, formas ou vocábulos), sendo 596 palavras distintas e 299 com uma única ocorrência. O conteúdo analisado na CHD foi categorizado em cinco classes: Classe 1 com 45 STs (19,4%), Classe 2 com 59 STs

(25,4%), Classe 3 com 41 STs (17,7%), Classe 4 com 39 STs (16,9%) e Classe 5 com 48 STs (20,7%).

Na análise de similitude, identifica-se a ocorrência entre as palavras e a conexão existente entre elas. Neste tipo de análise, baseia-se na teoria dos grafos (MARCHAND, RATINAUD, 2012). Por fim, ao se utilizar a nuvem de palavras, agrupa-as e organiza-as graficamente de acordo com sua frequência.

#### 4 Resultados e Discussões

A presente pesquisa foi realizada com as respostas do Relatório de Pesquisa "Fome e Pandemia: Um estudo em Ponta Grossa", o qual entrevistou 302 famílias auxiliadas com o benefício eventual de auxílio-alimentação de Ponta Grossa/PR, distribuídas proporcionalmente entre os CRAS que ofertaram o benefício. Todos os domicílios investigados se encontravam numa alta vulnerabilidade social, em que 94% estavam na condição de pobreza e 76% estavam na extrema pobreza

TABELA 1 - Percentual de domicílios conforme a condição de pobreza e extrema pobreza<sup>7</sup>:

CONDIÇÃO	PERCENTUAL	TOTAL
EXTREMA POBREZA	76%	229
POBREZA	94%	283

FONTE: Dados da pesquisa, 2022. Percentual de domicílios conforme a condição de pobreza e extrema pobreza.

Quantitativamente, buscou-se analisar as representações das pessoas pesquisados acerca do que é "comer bem". A figura 1 demonstra, por meio de uma nuvem de palavras, os alimentos e elementos que compõem as falas dos sujeitos pesquisados em âmbito geral, ou seja, sem separação por SA ou nível de IA.

<sup>7</sup>Pobreza refere-se a uma renda per capita inferior a menos de 1/2 salário-mínimo. Extrema pobreza refere-se a uma renda per capita inferior a menos de 1/4 de salário-mínimo.



FIGURA 1 - Alimentos e elementos que integram o comer bem  
FONTE: Dados da pesquisa, 2022.

Em maior tamanho - indicando maior número de ocorrências - vem a “carne”. O “arroz” e o “feijão” também aparecem na nuvem com grande destaque. O grupo pesquisado demonstra que a representação de “comer bem” está ligada à ideia de “alimentos fortes”, que geram condições de sobrevivência às famílias (ZALUAR, 1994).

As palavras “hortaliça”, “verdura” e “fruta” aparecem com tamanho mediano na nuvem de palavras, demonstrando significativa recorrência nas citações dos entrevistados. A menção destes alimentos sinaliza a preocupação dos entrevistados quanto aos alimentos nutritivos.

Medina, Aguilar e Fornons (2015, p.57) sublinham que *“los productos frescos como las frutas y las hortalizas son, junto con la carne y los productos lácteos, aquellos que más afectados se ven cuando se reduce el poder de compra de los consumidores”*. Isso demonstra que a menção desses insumos pelas pessoas, não necessariamente comprova sua ingestão, podendo consistir em alimentos de desejo.

Além dos alimentos citados, a nuvem de palavras também traz expressões que materializam o caráter quantitativo como “todos os dias”, “não faltar”. Outra citação que ganha destaque é a palavra “essencial”, tanto em razão de sua recorrência nas citações, quanto no seu significado, já que os entrevistados apontaram que comer bem é ter ao menos o que consideram

básico. Essas relações indicam preocupações em sempre ter alimentos na mesa, não faltar refeições, ter alimentos suficientes, em especial para as crianças e não passar fome. Comer bem, portanto, engloba o próprio conceito de segurança alimentar e o direito de ter acesso constante e contínuo a alimentos de qualidade e em quantidade suficiente.

Na figura 2 realizou-se a análise de similitude, em que foi possível identificar a co-ocorrência entre as palavras. O tamanho da fonte, a espessura das linhas e as direções revelam a frequência e a força de ligação entre as palavras citadas pelos entrevistados.

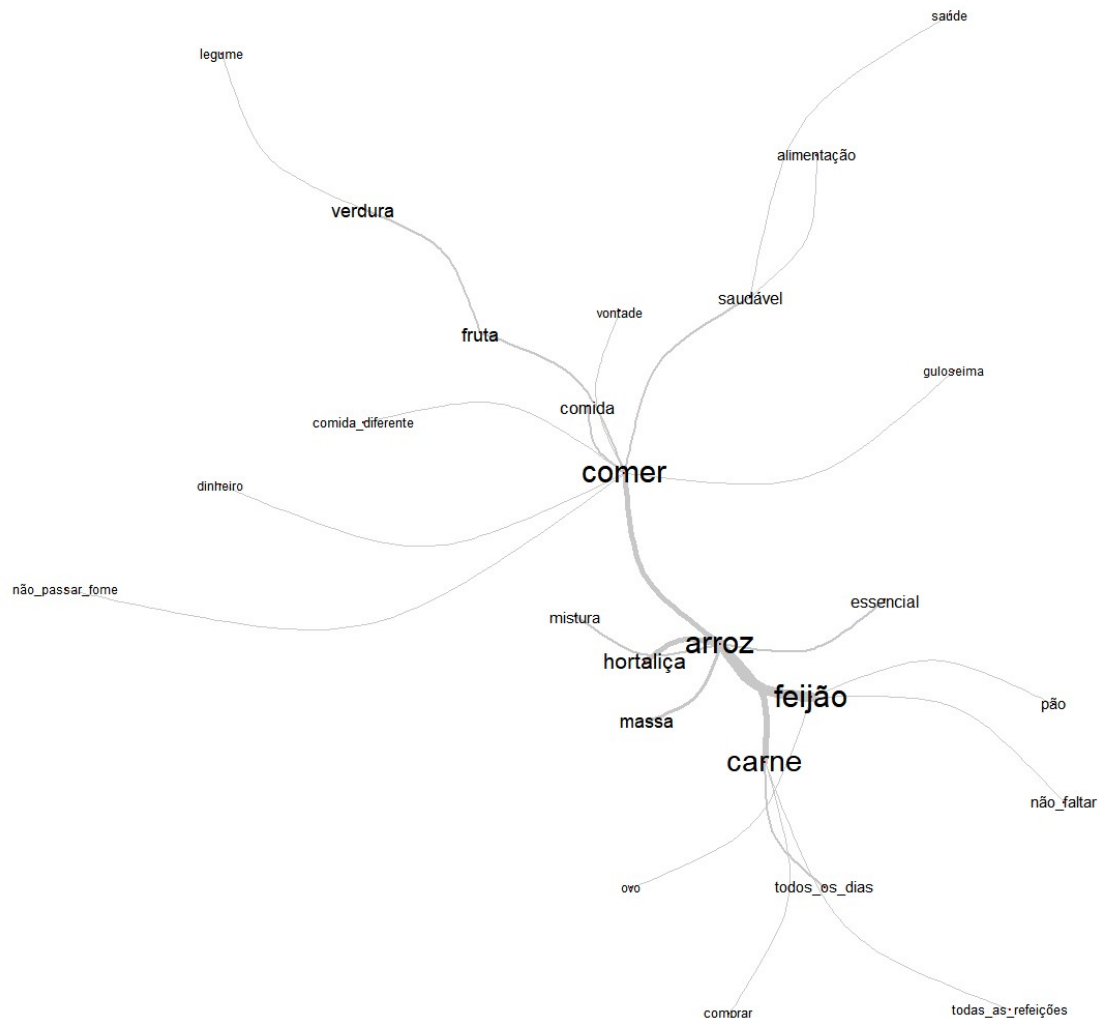


Figura 2 - Análise por AS  
Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

As palavras "arroz" e "feijão" apresentam a maior co-ocorrência e estão fortemente ligadas. Esta informação demonstra que para os entrevistados, "comer bem" está diretamente relacionado com a base da alimentação brasileira, o conjunto "arroz + feijão", uma combinação histórica e simbiótica, que remete a alimentos fortes e robustos. Estas palavras estão acompanhadas na sequência pelas palavras "comer" e "carne", demonstrando uma co-ocorrência um pouco menor que as duas primeiras, mas ainda bastante significativa.

A carne é tida como referência de alimentação, sabor e prazer (BARROS *et al.*, 2012). Por isso, embora apareça na análise de similitude com tamanho da fonte menor e com menor espessura de linha que as palavras "arroz" e "feijão", a "carne" ganha destaque, estando ligada às duas primeiras palavras.

A figura 3 apresenta a análise de similitude hierárquica entre as palavras citadas pelos entrevistados, onde \*sa\_0, representado pelo polígono de cor azul, refere-se às pessoas em segurança alimentar, \*sa\_1, representado pelo polígono de cor roxa, refere-se às pessoas em insegurança alimentar leve., \*sa\_2, representado pelo polígono de cor vermelho, refere-se às pessoas em insegurança alimentar moderada e, \*sa\_3, representado pelo polígono de cor verde, refere-se às pessoas em insegurança alimentar grave. Aqui é possível observar a conexão existente entre as palavras presentes nos textos, observando o tamanho da fonte, a espessura das linhas que ligam as palavras e o polígono a qual pertencem.

A análise do *corpus* gerou quatro grupos e a expressão "vontade de comer" tem papel importante na interligação dos grupos. Nesta figura observa-se uma forte relação entre a expressão "vontade de comer" com as palavras "arroz", "feijão" e "carne".

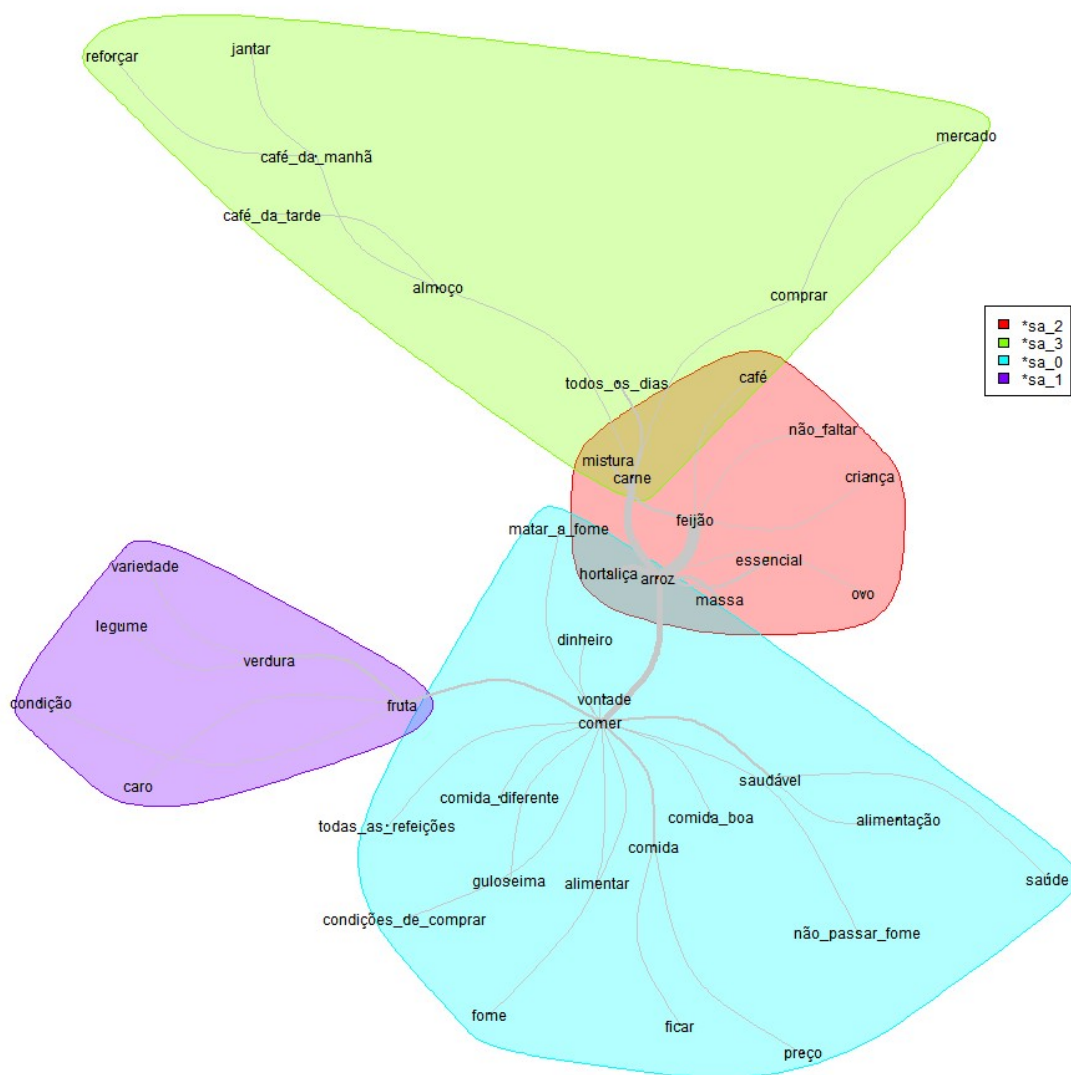


Figura 3 - Análise hierárquica  
Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Outra forma de organizar e compreender os dados da pesquisa foi por meio da Classificação Hierárquica Descendente (CHD) ou método de Reinert. Este método apresenta a relação entre as classes de segmento de texto (st). Cada classe de segmentos de texto apresenta vocabulário semelhante entre si, e ao mesmo tempo, diferente do vocabulário dos segmentos de texto das outras classes.

O dendograma apresenta o resultado do processamento dos textos do *corpus*. No Quadro constante no apêndice categorizou-se o conteúdo analisado em cinco classes, constituindo duas ramificações (Apêndice A). Na primeira ramificação, "**Preocupação com o Alimentar**" encontram-se duas



classes **"Preocupação com a saúde"**(classe 1)e **"Preocupação em conseguir comprar"**(classe 3). Na segunda ramificação **"Composição Alimentar"**, encontram-se três classes, **"Alimentação que Sustenta"** (classe 2), **"Alimentação Mínima"** (classe 4) e, **"Alimentação Diversificada"**.

A Classe 1, com 19,4% do *corpus* examinado, denota a **"Preocupação com a saúde"** da população vulnerável de Ponta Grossa (PR), em que as falas se dão em dois sentidos: i. comer bem numa abordagem de se ter uma alimentação/comida saudável e; ii. comer bem visando se "ter alguma comida", "muita comida", "opções de comida", comer "para matar a fome", "para não passar fome", "para não ficar doente". A fala mais representativa desta classe (com *score* igual a 211.77) foi:

"Comer bem é ter arroz, feijão, uma carne, frutas e verdura. Eu acho que é ter uma alimentação saudável, só que o pobre não está conseguindo pelo preço que está as comidas, todo mundo precisa do CRAS."

Em alguns momentos, os pesquisados interrelacionam o "ter comida" com a presença de "alimentos saudáveis" e a "saúde", conforme destacado nesta fala (terceiro maior *score* da Classe: 182.4):

"Comer bem é ter uma alimentação saudável para passar bem e fazer bem para a saúde."

Esta ligação entre alimentação e saúde foi também enfatizada na pesquisa de Vale *et al.* (2022). Os autores explicitaram que o impacto dos fatores sociais e econômicos sobre práticas alimentares consequentemente atinge a saúde biológica, comportamental e psicossocial das pessoas. Verificou-se que a saúde dos sujeitos pesquisados, em situação de fome (IA grave) caracterizava-se por: peso insuficiente, baixa ingestão de feijão, frutas, legumes e verduras durante a semana, e apatia ou descontentamento com o próprio corpo.

No presente artigo, é possível que os entrevistados estivessem em condições semelhantes, sobretudo porque os alimentos mencionados na citação de maior *score* desta Classe são os mesmos referenciados no estudo de Vale *et al.* (2022). Ademais, a primeira frase demonstra que a redução do

consumo desses insumos deve-se exatamente ao aspecto financeiro, novamente confirmando o exposto pelos autores. Por outro lado, o papel dos CRAS e necessidade de auxílio aparece em algumas menções, destacando o papel do poder público na garantia do acesso ao direito humano à alimentação adequada.

Conectada à Classe 1, está a Classe 3 (17,7% do *corpus* analisado), a qual tem como foco a “**Preocupação em conseguir comprar**”. Os discursos enfatizam o “comprar”, “ter condições de comprar”, “conseguir comprar”, “comprar tudo o que tem vontade”, “comer a vontade”, “poder comprar carne /frutas /verduras /comida\_boa /maionese\_de\_batata /refrigerante /iogurte...”. Nesta Classe, “comer bem” está associado à condição econômica das pessoas em poder adquirir tudo o que desejam, arguindo, muitas vezes, não terem condição de comprar o que querem e/ou o que seus filhos têm vontade, exatamente por seu estado de pobreza e pela atual dificuldade econômica que estão passando:

“Comer bem é ter bastante dinheiro para ir ao mercado e comprar tudo o que estiver com vontade de comer, como por exemplo bolo, carne e frutas” (Score: 137,29).

“Comer bem é comer à vontade bastante arroz, feijão, uma massa, uma mistura e um bom café. O café subiu tanto que a gente não\_tem condições\_de\_comprar o que a gente comprava, tem que ser o mais barato, mas não tem a mesma qualidade” (Score: 130.77).

“A gente tem que ver o que entra, o que tem condição\_de\_comprar e o que pode deixar. Eu acho que a maioria dos pobres têm feito isso, ver o que vai comprar, o que é importantíssimo para levar, se não, não tem como levar” (Score: 130.34).

O ponto que liga a Classe 1 à 3 é a “**Preocupação com o Alimentar**”, cuja ênfase da primeira é a preocupação com o que se está alimentando e para a segunda é como conseguir os alimentos para comer. Tem-se, portanto, o intuito de ingerir alimentos para garantir a saúde, entretanto, essa condição é limitada pela própria situação de vulnerabilidade desses pontagrossenses.

Cabe ressaltar que nenhum entrevistado que se encontrava na Segurança Alimentar se enquadrou na Classe 1 ou na 3, sendo que esta última foi formada preponderantemente pelos que estavam em Insegurança Alimentar

Grave ( $\chi^2=2,4$ ), verificada especialmente nos discursos que se referiram à não ter condição de comprar, seja pelo estado de pobreza, seja pela falta de dinheiro, aumento dos preços dos alimentos, etc.

Ao analisar certa comunidade, Nascimento e Guerra (2016) observaram que, apesar de haver maior dificuldade de acesso aos alimentos em relação ao passado, as receitas haviam aumentado, possibilitando a compra e, conseqüentemente, a segurança alimentar, apesar da dependência econômica para viabilizar essa condição. Já no caso das pessoas investigadas nesta pesquisa, o acesso aos alimentos encontrava barreiras, da mesma forma que o acesso ao emprego e renda.

No estudo realizado pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) em 2013, as pessoas em IA manifestaram que a obtenção de alimentos em suas casas acontecia (em ordem decrescente) por meio de: compras com pagamentos posteriores, insumos emprestados, preferência por comidas essenciais, empréstimo de dinheiro e menor ingestão de carne, frutas, verduras e legumes (IBGE, 2013). Aqui, percebe-se que os sujeitos pesquisados - também em condição de insegurança alimentar - recorreram, sobretudo, à seleção de alimentos mais básicos, reduzindo ou até mesmo suspendendo a compra de certos recursos de alto valor por não disporem de recursos para adquiri-los. De acordo com Valente (2013) o emprego dessas estratégias e a manifestação da apreensão quanto ao conseguir se alimentar traduzem a vivência da fome entre esses sujeitos.

A Classe 2 (59 Sts – 25,43%) e a 4 (39 STs – 16,81%) conectaram-se, conforme apresentado no Apêndice A. Na primeira as pessoas relacionaram o “comer bem” à “**Alimentação que Sustenta**”. Nas falas, a composição deste tipo de alimentação se resumia em ter “arroz, feijão, massa, carne, ovos, hortaliças e pão”, referindo-se a comida “bem-feita”, “comida que se tem todos os dias”.

“Comer bem é ter arroz, feijão, massa, uma carne ovos, um leite e hortaliça”. (Score: 223,05).

“Comer bem é ter arroz, feijão, massa, carne, suco, verdura, e hortaliça. Claro que a gente gostaria de comer uma massa, uma comida\_diferente, mas não dá para pedir demais” (Score: 211.86).

“Comer bem é ter o alimento, o arroz, um feijão uma hortaliça, um ovo ou um pedaço de carne, está bom, não precisa de mais nada. Na verdade, o alimento é uma coisa divina que vem de Deus”. (Score: 210,54)

Dentre os alimentos citados, Vale *et al.* (2022, p.2905) identificaram “menor consumo regular de frutas, legumes, verduras [...] e feijão entre adolescentes que vivenciaram a fome”. Rocha e Ciosak (2014, p.94) também compreenderam que há aqueles para os quais “comida rica em sódio e gorduras é [...] comida “que sustenta”. No entanto, os sujeitos da Classe 2 mencionam o arroz e o feijão em primeiro lugar nas três citações de maior *score*, provavelmente por integrar a base da alimentação brasileira (Vale *et al.*, 2022), e não pela busca de maiores calorias.

Ademais, as evocações direcionaram-se simultaneamente à ideia de alimentos que sustentam, que dão forças, alimentação completa, comida reforçada, citando sempre o arroz, o feijão e a carne, comida típica do Brasil (COELHO *et al.*, 2009).

Comer bem é comer **arroz, feijão**, e hortaliça, para o meu marido. Eu como mais pão. É comer uma comida\_que\_sustenta, que vai ser saudável (Score: 170,97).

Comer bem é comer o que sustenta: um **arroz** um **feijão** uma massa e uma **carne** (Score: 163,79).

Comer bem é ter uma refeição reforçada, um **arroz**, um **feijão**, uma **hortaliça**, uma **carne**, e uma **massa** (Score: 209,22).

Comer bem é ter **carne, arroz, feijão**, hortaliça e suco, uma alimentação completa (Score: 199,35).

Portanto, o “comer bem” para os pontagrossenses desta Classe tinha a conotação de sustentar, de dar forças para aguentar a labuta diária. Yatzimirsky (2006, p.123) atestou em seu estudo que pessoas em estado de fome “costumam alimentar-se com comidas energéticas e de rápida absorção, e sobretudo baratas”. Verifica-se nas menções dos entrevistados a prioridade por arroz e feijão, agregando-se outros elementos conforme permite a renda. Se comparada às demais Classes, esta distancia-se da Classe 1 mais evidentemente, não havendo referência ao consumo de frutas, legumes,

verduras e hortaliças e nem à saúde dos consumidores, já que a intenção “é comer uma comida que sustenta, que fica na barriga” (YATZIMIRSKY, 2006, p.127).

Na Classe 4 também se ressaltou a composição alimentar, contudo, emergiram as dificuldades de se ter o básico da alimentação, de modo que o “comer bem” se atrelou a se ter uma “**Alimentação Mínima**”, isto é, ter alimentos essenciais como a mistura, o arroz, o feijão, a hortaliça.

“Comer bem é você comer o essencial, por exemplo, o arroz, feijão, massa ou batata e uma carne ou outra mistura saudável e comer todas\_as\_refeições”. (Score: 227,72).

“Comer bem é ter o essencial, o arroz, o feijão uma verdura e uma mistura decente”. (Score: 209,40).

“Comer bem é ter um arroz, feijão, o essencial e ter uma mistura está ótimo. A gente come isso!”. (Score: 209,40).

“Comer bem é poder sentar à mesa, saber que vai se alimentar e ficar satisfeito. É ter o que comer, um feijão, um arroz, uma mistura e saber que todos\_os\_dias vai ter pelo menos aquele essencial”. (Score: 209,40).

Novamente o arroz e o feijão estão na maioria das respostas, porém, a carne deixa de aparecer com a mesma frequência que na Classe 2 para dar lugar à “mistura”. Com efeito, esta palavra, usada como simbologia da alimentação, pode ser apropriadamente interpretada como tudo aquilo que não integra a tradicional base da alimentação brasileira. Há quem diga que a origem do termo remonta aos tempos da escravidão no país e que a dita “mistura” seria sinônimo para a proteína presente na refeição. Explica-se que como os escravos dispunham de pouca carne, peixe ou frango era preciso dividi-los e misturá-los aos carboidratos ingeridos (arroz e feijão), funcionando como elementos extra na alimentação (DUARTE, 2019; ADMIN, 2022).

Todavia, ao analisar o padrão de consumo alimentar nacional sob distinções regionais, educacionais, territoriais, étnicas, de gênero, presença de doméstica e de geladeira no domicílio; Coelho, Aguiar e Fernandes (2009) perceberam que em todas as variáveis o arroz e o feijão eram os alimentos essenciais. Conseqüentemente, os demais recursos como massa, verdura, hortaliça, frutas e outros são considerados adicionais na alimentação ou

“mistura” para os sujeitos da Classe 4. Logo, as falas trazem o arroz e o feijão como prato principal, sendo a mistura um complemento desta alimentação, restringida pelo próprio grau de vulnerabilidade dos integrantes desta Classe, os quais pertenciam majoritariamente à insegurança alimentar moderada ( $x^2 = 2,71$ ).

Os mesmos autores elucidam que, à medida que se eleva a receita da pessoa ocorre “maior consumo de proteína animal (carnes, leite e queijos) e menor consumo de carboidratos (arroz, farinha de mandioca)” (COELHO *et al.*, 2009, p.360). Da mesma forma, os insumos mais energéticos são primeiramente mencionados nas falas e, em seguida, os complementos alimentares ou “misturas”, demonstrando o nível de importância de cada elemento no ato de comer segundo a visão dos sujeitos da Classe 4.

Ligada às Classes 2 e 4 estava a Classe 5. Nela, o “comer bem” se expressa pela “**Alimentação Diversificada**”. São representativos desta Classe os entrevistados em estado de segurança alimentar ( $x^2 = 3,22$ ). Percebe-se que como há menor vulnerabilidade alimentar em parte do grupo que forma esta classe, o entendimento sobre comer bem se modifica, ampliando-se para alimentos mais nutritivos (como verduras, legumes e frutas), comidas diferentes e, inclusive, acesso à guloseimas. As colocações mais representativas destacam exatamente o perfil alimentar mais diversificado de parte deste grupo:

“Comer bem é poder fazer todas as refeições, poder ter variedade com frutas legumes e verduras” (Score : 190.24).

“Comer bem é comer frutas, verduras e legumes e todos\_os\_dias é necessário uma proteína, um pedaço de carne, um pedaço de frango” (Score : 152.45).

“Comer bem é comer fruta, verdura e legume, é comer comida\_diferente” (Score: 150.86).

Assim como no estudo de Medina *et al.* (2015), os sujeitos aqui pesquisados segmentam a alimentação básica (diária) da secundária, sobretudo pautada no prazer em comer. Também na Classe 5, a comida soma à atribuição de saciar, a satisfação de desejos alimentares. Isto é, nesta

Classe, não somente a qualidade dos insumos importa, mas principalmente a abundância de opções de comida (YATZIMIRSKY, 2006).

Diferente da realidade encontrada por Yatzimirsky (2006) para sujeitos socialmente vulneráveis, aqui o “comer bem” é precisamente a ingestão de alimentos diversificados e nutritivos, distanciando-se dos hipercalóricos e pobres em nutrientes - consumidos por seu menor preço. O que se busca é “uma refeição “completa”, ou seja, com arroz, feijão, carne e salada juntos” (YATZIMIRSKY, 2006, p.124).

Um vocábulo frisado nos discursos da Classe 5 com outro aspecto que a aproximou das Classes 1 e 3, foi o “não faltar”, relacionado a ter variedade, ter o essencial, ter diversidade. Todos que utilizaram dita expressão estavam inseridos na insegurança alimentar grave e moderada, cuja preocupação centrou-se em ter o essencial, o básico, noção que os interliga diretamente aos vocábulos da Classe 3, a qual é predominantemente formada por sujeitos em situação de fome. Isto significa que mesmo apresentando maior diversificação dos alimentos que integram a alimentação, o “comer bem” para parte deste grupo ainda se relaciona ao “não faltar”, demonstrando a vulnerabilidade social que também se faz presente neste grupo.

“Comer bem é não\_faltar nada”.

“Comer bem é comer\_melhor, é não\_faltar, ter variedade”.

“Comer bem é você ter alimentos, frutas, e verduras; é não\_faltar, ter o essencial”.

“Comer bem é não\_faltar alimentos, é ter verdura, carne e frutas na refeição todos\_os\_dias”.

“Comer bem é comer frutas, legumes, frango e uma carne; é não\_faltar”.

“Comer bem é ter o arroz, feijão, uma carne, e um salgado. É comer uma fruta e não\_faltar nas panelas quando sua filha pede porque está com fome e você não tem nada para dar para ela. É ter uma verdura para fazer na hora do jantar para ela”.

“Comer bem é ter a refeição todos\_os\_dias e não\_faltar comida na mesa e para as crianças”.

Ao investigar a segurança alimentar de uma comunidade quilombola, Fernandes (2019) detectou que o “não faltar” relacionava-se, simultaneamente,

à sazonalidade da produção de certos alimentos, bem como à presença daqueles habituais. Como essas pessoas plantavam o que comiam, a busca por recursos adicionais se dava através da execução de atividades secundárias (agropecuária, extrativismo, turismo e outras atividades remuneradas) que garantiam renda e propiciavam a compra.

No contexto deste estudo, devido a pandemia do novo coronavírus, a maioria dos entrevistados estava desempregado e/ou possuía baixa renda, estando em condição de pobreza e/ou extrema pobreza (RAIHER *et al.*, 2022). Portanto, não havia alternativa de trabalho e, consecutivamente, dificultava-se o acesso financeiro aos alimentos, que para alguns pautou-se nas ações ofertadas pelo setor público.

Um dos destaques foi o Programa Feira Verde, que aparece como um vocábulo significativo para a Classe 5, evidenciando sua importância na garantia da aquisição de alimentos diversificados, sobretudo frutas e verduras. As falas, então, mostraram a relevância do Programa em garantir a segurança alimentar de parte dos vulneráveis de Ponta Grossa (PR).

“Comer bem é ter uma carne todos\_os\_dias, porque a carne é muito importante na refeição, e frutas e legumes porque a gente troca na feira\_verde e não dá nem para 15 dias”.

“Comer bem é comer comida\_boa, tipo um arroz, um feijão, uma carne boa, uma fruta e uma verdura. A feira\_verde ainda ajuda com verdura e fruta para a gente que tem criança\_pequena”.

De modo geral, no agrupamento das Classes 2, 4 e 5 centrou-se nos alimentos que representam o “comer bem”, destacando a “**Composição Alimentar**”. Esta se alterou segundo o grau de insegurança alimentar da maioria das pessoas de cada Classe, podendo ser mais diversificada – quando se tinha maior presença de pessoas na segurança alimentar; uma alimentação que simplesmente sustenta ou, ainda, uma alimentação básica, mínima – onde predominaram sujeitos na insegurança alimentar moderada. Isso corrobora a afirmação de Coelho, Aguiar e Fernandes (2009) quanto ao padrão do consumo alimentar das pessoas estar diretamente relacionado ao seu poder aquisitivo, nesse caso, maior conforme se aproximava da SA.



Igualmente admite Yatzimirsky (2006), os resultados da presente pesquisa demonstraram as diversas facetas da alimentação, manifestada como fenômeno: econômico (Classes 1 e 3) - acesso e aquisição de insumos alimentares; sociológico (Classes 2 e 5) - divisão do trabalho e modo de viver interferindo no consumo alimentar; e antropológico (Classes 1 e 4) - heranças culturais transmitidas na alimentação, ainda que se trate de pessoas em extrema pobreza.

Os relatos dos sujeitos entrevistados em situação de vulnerabilidade na cidade de Ponta Grossa/PR, ratificaram seu estado alarmante de insegurança alimentar, exclusão e desigualdade social (YATZIMIRSKY, 2006). Percebeu-se que à medida que se agrava o grau da IA, mais singulariza-se o comer bem, direcionando a compreensão ao próprio consumo de alimentos.

À vista disso, é imprescindível a aplicação de políticas públicas de combate à fome no município a fim de garantir o direito humano à alimentação (PENSSAN, 2013). Para que medidas como essa sejam efetivas, obtendo sucesso na redução de pontagrossenses em situação de insegurança alimentar, devem oferecer não somente a doação de alimentos à curto prazo, mas também estimular o aumento da renda e a geração de empregos à longo prazo, melhorando a condição de vida e ensejando o pleno acesso à recursos nutritivos e em quantidades suficientes para esses indivíduos (YATZIMIRSKY, 2006; MONTEIRO, 2003; Vale *et al.*, 2022).

Outro ponto importante é focalizar a implementação das políticas públicas (MONTEIRO, 2003). Programas, como o Feira Verde, mencionado por alguns entrevistados, poderiam expandir sua abrangência para outros bairros de Ponta Grossa (PR) onde identificou-se grande contingente de pessoas em IA e/ou ampliar sua frequência, ocorrendo semanalmente ao invés de quinzenalmente. Ademais, é preciso que as estratégias postas em prática pelas iniciativas governamentais contem com monitoramento e avaliação. Da mesma forma, as metas traçadas devem ser concretizadas conforme o período definido através de providências de credibilidade que motivem a confiança popular (VALENTE, 2003; YATZIMIRSKY, 2006).

## 5 Conclusão

O presente artigo foi elaborado com o intuito de compreender o que significa “comer bem” para pessoas em situação de vulnerabilidade no município de Ponta Grossa/PR, especialmente os assistidos pelo CRAS com benefício eventual de auxílio-alimentação.

Buscando a ligação entre o significado percebido por essas pessoas e seu nível de segurança/insegurança alimentar, verificou-se um entendimento, de certo modo, unificado. Isto porque, apesar da divisão dos grupos analisados em Classes, de acordo com a predominância observada em sua fala, os alimentos foram mencionados de forma mais ou menos homogênea. Assim, os insumos mais citados foram arroz, feijão, carne, frutas, verdura, massa, mistura, hortaliça, legume, etc.

As Classes distinguiram-se em: preocupação com a saúde, preocupação em conseguir comprar, alimentação que sustenta, alimentação mínima e alimentação diversificada. Conforme alterou-se o grau de vulnerabilidade, assimilou-se o comer bem de diferentes formas e agregou-se diferentes recursos alimentares às falas. Essa discrepância de percepção tornou-se mais evidente ao comparar as colocações de entrevistados em situação de insegurança alimentar (IA) e de segurança alimentar (SA). Enquanto os primeiros viam o comer bem como poder adquirir alimentos e ter saúde por conta disso, os últimos consideravam como ingerir comidas variadas, fossem nutritivas (frutas, verduras e legumes) ou guloseimas.

Embora houve pessoas que não quiseram responder o significado de “comer bem” para elas - limitando a abrangência da pesquisa, foi possível constatar que as pessoas evidenciaram certos componentes da alimentação como fenômeno, a depender de seu nível de SA/IA. Por exemplo, nas falas dos pontagrossenses em insegurança alimentar grave associou-se o comer bem à questão econômica, enquanto aqueles em segurança alimentar destacaram certos recursos alimentares mais acessíveis à eles, retratando o âmbito sociológico da alimentação.

Averiguou-se que quanto maior o grau de insegurança alimentar - grave, moderada e leve, em ordem decrescente, mais se preocupa com a

essencialidade da alimentação, ou seja, o comer bem é a alimentação necessária. Já quando se encontra ou aproxima-se da SA, o comer bem passa a agregar alimentos que extrapolam o consumo básico e regular do dia a dia. Identificou-se, ainda, que questões relativas à comensalidade (estar à mesa, compartilhar alimentos, etc.) não foram enfatizadas nas falas dos sujeitos entrevistados. É possível que ao investigar grupos menos vulneráveis esse cenário possa se alterar. Sugere-se, então, pesquisas futuras que analisem grupos antagônicos.

Também demonstrou-se que independente de estar na segurança ou insegurança alimentar, os sujeitos estavam quase todos preocupados com o comer propriamente dito. Ou seja, a vulnerabilidade direciona o entendimento do que é “comer bem” ao simples ato de ingerir alimentos, deixando questões culturais e sociológicas em segundo plano, embora sejam inerentes à alimentação.

Essa compreensão do comer bem é relevante e ampara a formulação de políticas públicas de combate à fome no município de Ponta Grossa/PR. Ademais, relewa a necessidade de fomentar iniciativas públicas e privadas já existentes, como os Auxílios, Programas e Campanhas de arrecadações e doações, que incidam nesta população mais vulnerável de forma eficaz.

Para iniciar, organizar e direcionar o trabalho das políticas públicas seria interessante reorganizar, adequar e empoderar o Conselho de Segurança Alimentar e Nutricional de Ponta Grossa (CONSEA/PG), para que seja representativo, propositivo e com vasta participação da sociedade, em virtude de cobrar a implementação das políticas públicas desenhadas, mensurar e acompanhar seus resultados. O Conselho tem o papel de redirecionar as políticas públicas aplicadas a partir dos resultados que elas apresentem. É por essa razão que o acompanhamento e mensuração de resultados é tão relevante quanto a aplicação das políticas públicas.

Uma política pública destacada nas falas dos entrevistados foi o Programa Feira Verde. Sendo instituído pela lei municipal nº 11.645/2014, este programa visa arrecadar recicláveis retirados das comunidades e encaminhados para as associações de reciclagem da cidade em troca de

produtos hortifrutigranjeiros, leite, ovos e mel. De acordo com a legislação, a entrega de material reciclável ou pneus inservíveis, gera o direito a trocar por alimento, crédito de bilhetagem para o transporte público ou gás de cozinha.

A proposta sugerida é a de que haja uma expansão do Programa Feira Verde sobre as áreas identificadas com maior presença de pessoas em IA. O monitoramento dessas áreas e o acompanhamento dos resultados do programa poderão ser realizados por meio de georreferenciamento pelos agentes comunitários de saúde. O treinamento destes agentes comunitários, a aquisição de equipamentos como tablets ou celulares, ligados à internet e de um programa para mapear a fome podem ser feitos por meio de parceria público-privada.

O Programa Feira Verde poderá passar a disponibilizar alimentos indicados na pesquisa, como arroz e feijão. Entender o significado de "comer bem" para as pessoas em condição de vulnerabilidade auxilia na construção das políticas públicas de combate à fome e à pobreza alimentar, uma vez que é possível fornecer alimentos que além de nutrir, atendam os desejos, gostos e anseios desse público.

Outra sugestão é fomentar e descentralizar de outras políticas públicas, como o Programa Mercado da Família (Mercado em que as pessoas menos favorecidas podem comprar produtos alimentícios e de limpeza até 30% mais baratos do que em mercados convencionais) e o Restaurante Popular (Restaurante que serve refeições balanceadas, em espaço gerido pela Secretaria Municipal de Assistência Social de Ponta Grossa, por preço baixo), para que se possa atingir os municípios de todo o perímetro urbano, em bairros mais distantes e para que se possa fornecer alimentos dentro das predileções e necessidades do público alvo.

É preciso que as ações e programas sejam contínuos e regulares e que a população mais vulnerável seja de fato beneficiada por eles. A Política de Segurança Alimentar necessita ser ampliada e desenhada por processo metodológico, capaz de mapear os focos de Insegurança Alimentar e acompanhar os resultados das ações implementadas. Deve haver maior sensibilização da comunidade e da sociedade civil organizada para uma

construção participativa no município a fim de gerar melhores condições alimentares da população vulnerável.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADMIN. Por que chamamos carne de mistura? **Dona Manteiga**. Disponível em: <<http://donamanteiga.com.br/por-que-chamamos-carne-de-mistura/>>. Acesso em: 7 de jun. de 2022.

ARCHANJO, M. F.; CARDOSO, J. L.; BORGHI, E.; LEÓN, L. (In)seguridad alimentaria en América Latina y el Caribe. Discusión sobre los datos de producción y disponibilidad de alimentos de la FAO y las políticas públicas en Brasil. **Desacatos**, n. 25, p. 23-46, 2007.

BRASIL. **Lei nº11.346**. Cria o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional e dá outras providências. 2006. Disponível em: <<http://www4.planalto.gov.br/consea/conferencia/documentos/lei-de-seguranca-alimentar-e-nutricional>>. Acesso em: 21 de jun. de 2022.

BRASIL. **Decreto nº7.272**. Cria o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, institui a Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, estabelece os parâmetros para a elaboração do Plano Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, e dá outras providências. 2010. Disponível em: <<http://www4.planalto.gov.br/consea/conferencia/documentos/lei-de-seguranca-alimentar-e-nutricional>>. Acesso em: 21 de jun. de 2022.

COELHO, A. B.; AGUIAR, D. R. D.; FERNANDES, E. A. Padrão de consumo de alimentos no Brasil. **Revista de Economia e Sociologia Rural**. Piracicaba, São Paulo: v. 47, n.2, p. 335-362, 2009.

BARROS, G. S., MENESES, J. N. C., SILVA, J. A. Representações sociais do consumo de carne em Belo Horizonte. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, v. 22, n. 1, 2012, p. 365-383.

BEARDSWORTH, A.; KEIL, T. **Sociology on the menu. An invitation to the study of food and society**. London: Routledge, 1997.

BOGÚS, C. M.; COSTA, C. A. Significados e Apropriações da Noção de Segurança Alimentar e Nutricional pelo Segmento da Sociedade Civil do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional. **Saúde Soc.**, v.2, n.1, p.103-114, 2012.

DE ARO; F. PEREIRA, B. V.; BERNARDO, D. N. D. Comportamento alimentar em tempos de pandemia por Covid-19. **Brazilian Journal of Development**, v.7, n.6, p. 59736-59748, 2021.

DANIEL, J. M. P.; CRAVO, V. Z. O valor social e cultural da alimentação. *In*: Canesqui, A. M.; Diez Garcia, R. W. (orgs.). **Antropologia e nutrição: um diálogo possível**. Rio de Janeiro: Fiocruz, p. 57-68, 2005.

DÓRIA, C. A. **A formação da culinária brasileira**. São Paulo: Publifolha, 2009.

DUARTE, M. Por que chamamos a carne de um prato de “mistura”? **O Guia dos Curiosos**. 2019. Disponível em: <<https://www.guiadoscuriosos.com.br/esportes/pergunta-curiosa/por-que-chamamos-a-carne-de-um-prato-de-mistura/>>. Acesso em: 7 de jun. de 2022.

FERNANDES, C. R. **Sobre Ter e Não Faltar: Segurança Alimentar e Territorialidade Kalunga no Cerrado**. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável). Universidade de Brasília, p. 303, 2019.

FLANDRIN J. L, MONTANARI M (org). **História da alimentação**. São Paulo: Estação Liberdade; p. 885, 1998.

FRANZONI, E. **A gastronomia como elemento cultural, símbolo de identidade e meio de integração**. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2016.

FREEDMAN, P. **A história do sabor**. Traduzido por Anthony Sean Cleaver. São Paulo: SENAC, 2009.

HOMERO. **Ilíada**. Tradução de Frederico Lourenço. Lisboa: Cotovia, 2005.

IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD, Segurança Alimentar, 2013. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Brasília. Disponível em: <[https://aplicacoes.mds.gov.br/sagi/pesquisas/documentos/pdf/ficha\\_148.pdf](https://aplicacoes.mds.gov.br/sagi/pesquisas/documentos/pdf/ficha_148.pdf)>. Acesso em: 21 de jun. de 2022.

MALUF, R. S.; MENEZES, F.; VALENTE, F. Contribuição ao tema da Segurança Alimentar no Brasil. **Revista Cadernos de Debate**. Campinas, v. 4, p.66-68, 1996.

MARCHAND, P.; P. RATINAUD. L'analyse de similitude appliquee aux corpus textuelles: les primaires socialistes pour l'election présidentielle française. **Actes des 11eme Journées internationales d'Analyse statistique des Données Textuelles**. Liège, Belgique, p.687-699, 2012.

MEDINA, F. X.; AGUILAR, A.; FORNONS, D.. Alimentación, cultura y economía social. Los efectos de la crisis socioeconómica en la alimentación en Cataluña (España). **Sociedade e Cultura**. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Brasil: v.18, n.1, p. 55-64, 2015.

MONTEIRO, C. A. A dimensão da pobreza, da desnutrição e da fome no Brasil. **Estudos Avançados**, v.17, n.48, p. 7-20, 2003.

NASCIMENTO, E. C.; GUERRA, G. A. D. (2016). Do avortado ao comprado: práticas alimentares e a segurança alimentar da comunidade quilombola do baixo Acaraqui, Abaetetuba, Pará. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Museu Paraense Emílio Goeldi Belém, Brasil: 11 (1), 225-241.

POULAIN, J. P. **Sociologias da alimentação: os comedores e o espaço social alimentar**. In: Proença, R. P. C; Conte, C. S. R. (trad.). Florianópolis: Ed. da UFSC, 2004.

RAIHER, A. P. *et al.*, (org.). **Fome e pandemia: um estudo em Ponta Grossa**. 2022. Relatório de pesquisa. Ponta Grossa: UEPG/PPGCSA/Núcleo de Pesquisa, Questão Ambiental, Gênero e Condição de Pobreza. Disponível em: <<https://www2.uepg.br/ppgcsa/wp-content/uploads/sites/34/2022/03/Relatorio-final-da-Pesquisa-Fome-e-Pandemia-um-estudo-em-Ponta-Grossa.pdf>>. Acesso jun. 2022.

PENSSAN. **Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil**. Rede PENSSAN. 2021. Disponível em: <[http://olheparaafome.com.br/VIGISAN\\_Inseguranca\\_alimentar.pdf](http://olheparaafome.com.br/VIGISAN_Inseguranca_alimentar.pdf)>. Acesso em: 21 de jun. de 2022.

RIBEIRO, C. S. G.; CORÇÃO, M. O consumo de carne no Brasil: entre valores socioculturais e nutricionais. **Demetra**, v.8, n.3, p. 425-438, 2013.

RIBEIRO-SILVA, R. de C. *et al.* Implicações da pandemia COVID-19 para a segurança alimentar e nutricional no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, p.3421-3430, 2020.

ROCHA, A. C. A. L.; CIOSAK, S. I. Doença Crônica no Idoso: Espiritualidade e Enfrentamento. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v.48 (Especial), p.92-98, 2014.

ROSANELI, C. F.; RIBEIRO, A. LU. C.; ASSIS, L. DE; SILVA, T. M. DA; SIQUEIRA, J. E. de. A fragilidade humana diante da pobreza e da fome. **Revista Bioética**. Conselho Federal de Medicina, Brasília: v. 23, n.1, p. 89-97. 2015.

VALE, D.; SANTOS, T. T.; DANTAS, R. F.; CABRAL, N. L. A.; LYRA, C. O.; OLIVEIRA, A. G. R. C. Determinantes sociais em saúde associados à vivência da fome entre adolescentes do Brasil. **Ciência e Saúde Coletiva**, v.27, n.7, p. 2895-2909, 2022.

VALENTE, F. L. S. Fome, desnutrição e cidadania: inclusão social e direitos humanos. **Saúde e Sociedade**, v.12, n.1, p. 51-60, 2003.

WOORTMANN, K. **Hábitos e ideologias alimentares em grupos sociais de baixa renda**: relatório final. Brasília, DF: Série Antropologia, 1978.

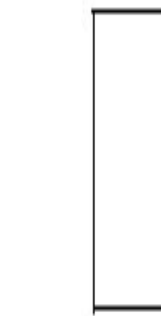
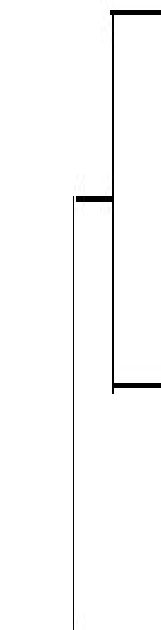
YATZIMIRSKY, M. C. S. A comida dos favelados. **Estudos Avançados**, v.20, n.58, p.123-1233, 2006.

ZALUAR, A. **A máquina e a revolta**: as organizações populares e o significado da pobreza. 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.



## 7. Apêndices

Apêndice A: Dendograma resultante da Classificação Hierárquica Descendente do corpus textual- Ponta Grossa- 2022. Fonte: Dados da Pesquisa (2022).

Repartição	Classe	Análise lexicográfica		
		Palavra	$\chi^2$	Percentual
<p>Preocupação como o alimentar</p> 	1. Preocupação com a saúde	Saudável	95,88*	81,82
		Alimentação	65,51*	94,12
		Comida	41,08*	56,41
		Saúde	21,01*	72,73
		Mata a fome	8,80*	66,67
		Passar fome	4,34*	66,67
		Doente	4,34*	66,67
	3. Preocupação em conseguir comprar	Comprar	53,79*	100,00
		Vontade	28,58*	75,00
		Mercado	18,96*	100,00
		Dinheiro	18,95*	83,33
		Condição de comprar	13,64*	80,00
		Caro	9,19*	75,00
		Pobre	9,19*	75,00
<p>Composição Alimentar</p> 	2. Alimentação que Sustenta	Arroz	65,28*	49,55
		Feijão	54,99*	48,15
		Hortaliças	45,43*	60,00
		Carne	31,01*	43,56
		Ovos	13,83*	85,71
		Massa	12,51*	48,65
		Pão	5,27*	75,00
	4. Alimentação mínima	Mistura	101,56*	95,24
		Essencial	71,65*	74,07
		Difícil	20,14*	100
		Arroz	18,81*	27,93
		Feijão	17,38*	27,78
		Batata	9,86*	75,00
		Massa	5,25*	29,73
	5. Alimentação Diversificada	Hortaliças	3,85*	25,45
		Verdura	65,14*	64,44
		Legume	47,29*	92,86
		Fruta	31,49*	51,11
		Refeição	26,54*	76,92
		Variedade	19,78*	69,23
	Guloseima	18,6*	85,71	
	Não Faltar	15,49*	70,00	
	Comida diferente	6,94*	55,56	
	Todos os dias	4,61*	37,5	
	Feira Verde	3,92*	66,67	

Nota: \* significativo a um nível de significância de 5%. No Apêndice estão as figuras de análise de similitude de cada classe, as quais auxiliaram na interpretação de cada grupo formado em cada classe.

Apêndice B: Análise de similitude por Classes considerando todos os entrevistados. Fonte: Dados da Pesquisa (2022).

